

Dora Kramer*

O abuso vai ancorar na passarela

Não serão os 80 minutos de desfile da Aca-dêmicos de Niterói na Marquês de Sapucaí, no domingo de carnaval, que garantirão a Luiz Lula Inácio da Silva (PT) um quarto mandato de presidente. O filme “Lula do Brasil”, de 2009, tampouco foi o responsável pela vitória com Dilma Rousseff no ano seguinte.

Os dois episódios, no entanto, escancaram o uso de manifestações culturais na construção de mitologias políticas com fins eleitorais. É velha conhecida a ideia do PT de obter hegemonia em todas as áreas da vida nacional.

Quem falou pela primeira vez sobre o plano de dominação foi José Genoíno — prócer petista da época — no início de 2003. Ao longo daquele ano outras pessoas diriam o mesmo, com a imper-tinência dos vencedores.

De lá para cá, o Brasil passou por escândalos que resultaram no aperfeiçoamento dos instrumentos de controle de abusos de poder, mas o país segue desatento e algo leniente diante de desaca-tos quando cometidos no mais alto escalão.

Jair Bolsonaro (PL) precisou extrapolar e re-incidir até perder o poder e a liberdade. Ainda

assim, quase ganhou a reeleição e talvez não estivesse preso se tivesse enfrentado policiais, pro-curadores e juízes condescendentes.

Há no Brasil um sentimento difuso de que certas regalias são permitidas a presidentes, e há um certo pudor em apontá-las até que ultrapassem os limites devidos à reverência ao posto. Isso em nome do respeito à legitimidade conferida pelas urnas.

Prerrogativa que não fornece salvo-conduto a infrações ilimitadas. Nem a mentiras, como a que contou Lula na quinta-feira (5) em entrevista ao UOL.

Disse que só assumiria candidatura nos 45 dias regulamentares de campanha.

“Até lá, serei apenas presidente”, afirmou em desinibida agressão às evidências do uso cotidiano do cargo na difusão da própria candidatura.

Lula afronta regras e consegue não ser admoes-tado devido à complacência que protege o mito. Mas não pode esconder o fato de que isso faz dele um transgressor do código de ética da vida real.

*Jornalista e comentarista de política

Alexandre Garcia

Leão das liberdades

O Master, o Careca da Previdência, a Vene-zuela, o Irã, nesses dias ocuparam no noticiá-rio um espaço que deveria ser da manifestação seminal do Papa Leão XIV, na tradicional reu-nião de início de ano, no Salão das Bênçãos, com diplomatas de 184 países. É o discurso o mais abrangente do Papa - de Roma para o Mundo. Mencionou cada um dos grandes problemas da humanidade, confirmando que Habemos Pa-pam! Destaco: “A guerra voltou a estar na moda e um fervor bélico está a alastrar.” E a família: “A subestimação do papel social da família está le-vando à sua progressiva marginalização institu-cional. A vocação ao amor e à vida se manifesta na união exclusiva e indissolúvel entre a mulher e o homem.” E, destaque maior, a opressão das liberdades de opinião, de expressão, de consciên-cia. “Não podemos esquecer o sofrimento de tantos detidos por motivos políticos, presentes em muitos países.”

Chefe de uma Igreja que, por 407 anos tinha o Índice dos Livros Proibidos, só extinto por Paulo VI em 1966, o Papa Leão, com esse discurso, se mostra um paladino das liberdades de expressão, de consciência, de religião e até de viver. Alerta um mundo que não está percebendo que essas liberdades estão sendo restringidas. “É doloroso constatar que, especialmente no Ocidente, os es-paços para a liberdade de expressão estejam cada vez mais a ser reduzidos, enquanto se desenvolve uma nova linguagem, ao estilo de Orwell, que, na tentativa de ser cada vez mais inclusiva, acaba por excluir aqueles que não se adaptam às ideologias que a animam.” O Papa americano conhece mui-to bem a tirania do movimento Woke, nascido na Califórnia.

Ouçá o Papa: “Quando as palavras perdem a sua correspondência com a realidade e a própria realidade se torna sujeita a opiniões e, em últi-ma análise, incomunicável, tornamo-nos como aqueles dois, de que fala Santo Agostinho, que são obrigados a permanecer juntos sem que ne-hum deles conheça a língua do outro. A lin-guagem já não é o meio privilegiado da nature-za humana para conhecer e encontrar, mas, nas

malhas da ambiguidade semântica, torna-se cada vez mais uma arma com a qual se engana ou se atinge e ofende os adversários. Precisamos que as palavras voltem a expressar de forma inequív-o-ca realidades certas.” E, mais adiante: “Isso deve acontecer nas nossas casas e praças, na política, nos meios de comunicação e nas redes sociais, bem como no contexto das relações internacio-nais e do multilateralismo, para que este último possa recuperar a força necessária para desem-penhar aquele papel de encontro e mediação, necessário para prevenir conflitos, de modo que ninguém seja tentado a sobrepor-se ao outro pela lógica da força, seja ela verbal, física ou mi-litar.” “É importante notar que o paradoxo deste enfraquecimento da palavra é com frequência reivindicado em nome da própria liberdade de expressão. No entanto, se olharmos bem, é ver-dade o contrário: a liberdade de palavra e de ex-pressão é garantida precisamente pela certeza da linguagem e pela certeza de que cada termo está ancorado na verdade.”

Cada um inventa o seu direito, sem se impor-tar com os direitos de todos. “Isso ocorre quando cada direito se torna autorreferencial e, sobretu-do, quando perde a sua conexão com a realidade das coisas, a sua natureza e a verdade.” As palavras não significam mais a realidade e a verdade. Isso é trágico para nos entendermos. Por isso temos uma Língua comum. A Constituição do Brasil diz, no art. 13, que é o Português. Os Legislativos do Amazonas e de Santa Catarina, e os dos muni-cípios de Porto Alegre, Murié MG e São Gonçalo RJ, fizeram leis proibindo nas escolas e serviços públicos a linguagem neutra, que não existe na Língua Portuguesa. Mas o Supremo não permi-tiu que defendessem a Constituição. Alegou que é prerrogativa da União regerar o ensino, quando deveria prevalecer a defesa da principal ferramen-ta de ensino, que é a Língua. A falácia woke con-quista até mentes bem-intencionadas. Ao votar, a Ministra Cármen Lúcia afirmou que proibir a lin-guagem neutra viola a liberdade de expressão; mas contraria o Papa, a Língua Portuguesa, a natureza e a Constituição.

EDITORIAL

Duas metrópoles, dois ritmos de Carnaval

Enquanto a São Paulo acelera os tamborins e se consolida como um dos maiores polos carnavales-cos do país, a também metrópole Campinas segue ensaiando passos tímidos. Isso quando ensaia. A comparação é inevitável. De um lado, planejamento antecipado, investimento estruturado, calen-dário definido, blocos fortalecidos, patrocínios organizados e turismo pulsando. Do outro, programação enxuta, poucos blocos de rua e a sensação recorrente de que o Car-naval ocupa lugar secundário nas prioridades oficiais.

São Paulo compreendeu que Carnaval não é apenas festa. É economia criativa, geração de renda, ocupação qualificada do espaço público e afirmação cul-tural. A capital trata a folia como política pública estratégica, arti-culando cultura, turismo, segu-rança e mobilidade. O resultado aparece nas ruas e nos indicado-res econômicos: hotéis lotados, bares cheios, empregos temporá-rios, artistas valorizados e circula-ção intensa de recursos.

Campinas, por sua vez, parece ainda debater se quer ou não quer a folia. O discurso alterna entre pru-dência administrativa e receio polí-tico. O efeito prático é visível, com vitrines discretas, poucos eventos descentralizados e um público que, ano após ano, pega estrada em bus-ca do que não encontra na própria cidade. O potencial existe, mas a

ambição parece limitada.

Não se trata de competir com a capital em escala, mas de reco-nhecer o porte e a relevância que Campinas possui. É polo regional, concentra universidades, indústria, comércio consolidado e vida cul-tural ativa ao longo do ano. Possui bairros com identidade própria, artistas locais e tradição em even-tos. Ainda assim, o Carnaval segue tratado como apêndice do calen-dário, e não como oportunidade estratégica.

Planejamento cultural exi-ge visão de longo prazo, diálogo com blocos, produtores e comer-ciantes, além de definição clara de espaços, horários e investimen-tos. Quando bem organizado, o Carnaval movimenta bairros, fortalece pequenos empreende-dores, estimula o turismo regio-nal e amplia o sentimento de per-tencimento. Também projeta a cidade para além de seus limites.

Entre o samba que ecoa na ca-pital e o ritmo contido em Campi-nas, a diferença não está apenas no volume do som. Está na prioridade dada à cultura como vetor de de-senvolvimento urbano e econômi-co. Cidades que ocupam suas ruas com arte e convivência fortalecem laços sociais e dinamizam a econo-mia local.

Resta saber se Campinas con-tinuará assistindo ao desfile alheio ou se decidirá, enfim, assumir seu próprio enredo.

Opinião do leitor

Largada na frente

O Art 5º da Constituição Federal estabelece, que todos são iguais perante à Lei, sem distinção de qualquer natureza. O desfile da escola de samba com o enredo em homenagem à Lula, faz com que o mesmo saia na frente nesse ano eleitoral.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Níomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.